

AUTOPERCEÇÃO E PERCEÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA DOS TREINADORES DOS SPECIAL OLYMPICS PORTUGAL

Self-perception and perception of leadership behaviours of Special Olympics Portugal coaches

*Autopercepción y percepción de los comportamientos de liderazgo de los entrenadores de
Special Olympics Portugal*

Pedro Pires , Marco Batista , Helena Mesquita , Sergio J. Ibáñez 

Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal / Universidad de Extremadura, España

* Correspondencia: pedroruinespires@gmail.com

Recibido: 26/07/2021; Aceptado: 02/11/2021; Publicado: 28/02/2022

OPEN ACCESS

Sección / Section:
Deporte Adaptado /
Adapted Sport

 Editor de Sección / Edited by:
Sebastián Feu. Universidad de
Extremadura, España

Citación / Citation:
Pires, P., Batista, M., Mesquita, H., &
Ibáñez, S. J. (2022). Autoperceção
e percepção dos comportamentos
de liderança dos treinadores dos
special olympics portugal. *E-
balonmano.Com*, 18(1), 55-64.

Fuentes de Financiación / Funding:
This work was partially subsidized by
the Aid to Research Group
(GR21149) from the Regional
Government of Extremadura
(Department of Economy and
Infrastructure), with the contribution
of the European Union through the
ERDF.

Agradecimientos/
Acknowledgments:
-

Conflicto de intereses / Conflicts of
Interest: NO

Resumo

Os treinadores têm um papel fundamental no desenvolvimento holístico dos seus atletas, e quando falamos de desporto adaptado esta prerrogativa ganha maior relevo pois o desporto é um veículo transformador na vida dos atletas. No entanto, a temática dos comportamentos de liderança do treinador de atletas com deficiência intelectual, é pouco explorada cientificamente. O estudo tem como principal finalidade identificar a autoperceção dos treinadores e a percepção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador dos *Special Olympics Portugal*. Pretende-se ainda examinar a relação entre a autoperceção e percepção com a formação formal dos treinadores. A investigação é descritiva e de corte transversal, com uma amostra constituída por 50 treinadores e 94 desportistas do universo dos *Special Olympics Portugal*. A escala de liderança de desporto foi o instrumento utilizando no estudo, nas versões auto-perceção e percepção. Perante os resultados obtidos constata-se que nas versões analisadas, os treinadores de atletas com deficiência intelectual apresentam mais comportamentos de liderança nas dimensões de reforço, treino instrução e suporte social. Os treinadores com formação específica na área da deficiência têm comportamentos mais adequados às características necessidades específicas dos atletas.

Palavras-Chaves: Comportamentos de Liderança; Desporto Adaptado; Deficiência Intelectual; Formação Formal.

Abstract

Coaches have a fundamental role in the holistic development of their athletes, and when we talk about adapted sports, this prerogative gains more relevance, since sports are a transforming vehicle in the athletes' lives. However, the theme of the leadership behaviors of coaches of athletes with intellectual disabilities is little scientifically explored. The main purpose of this study is to identify the coaches' self-perception and the athletes' perception about the leadership behaviors of the Special Olympics Portugal coaches. It is also intended to examine the relationship between self-perception and perception with the formal training of coaches. The research is descriptive and cross-sectional, with a sample consisting of 50 coaches and 94 athletes from the universe of Special Olympics Portugal. The sport leadership scale was the instrument used in the study, in the self-perception and perception versions. The results showed that, in the versions analysed, the coaches of athletes with intellectual disabilities showed more leadership behaviours in the dimensions of reinforcement, training, instruction and social support. The coaches with specific training in the area of disability have more appropriate behaviours to the specific characteristics and needs of the athletes.

Keywords: Leadership; Adapted Sports; Intellectual Disability; Coaches; Formal Learning.

Resumen

Los entrenadores tienen un papel fundamental en el desarrollo integral de sus deportistas. Esta prerrogativa cobra mayor relevancia en el deporte adaptado, pues, el deporte es un vehículo transformador en la vida de los deportistas. Sin embargo, el análisis de los comportamientos de liderazgo de los entrenadores de deportistas con discapacidad intelectual está poco explorado científicamente. El objetivo principal de este estudio fue identificar la autopercepción de los entrenadores y la percepción de los atletas sobre los comportamientos de liderazgo de los

entrenadores de *Special Olympics* Portugal. Además, se examinó la relación entre la autopercepción y la percepción con la formación formal de los entrenadores. El diseño de investigación fue descriptivo y transversal. La muestra formada por 50 entrenadores y 94 atletas de la población de *Special Olympics* Portugal. La escala de liderazgo deportivo fue el instrumento utilizado en el estudio, en las versiones de autopercepción y percepción. Los resultados mostraron que, los entrenadores de deportistas con discapacidad intelectual mostraron más conductas de liderazgo en las dimensiones de refuerzo, formación, instrucción y apoyo social. Los entrenadores con formación específica en el ámbito de la discapacidad tienen comportamientos más adecuados a las características y necesidades específicas de los deportistas.

Palabras clave: Comportamiento de Liderazgo; Deportes adaptados; Discapacidad intelectual; Aprendizaje formal.

Introdução

O desporto é uma atividade que obedece a uma estrutura perfeitamente definida por regras e dimensões técnicas e táticas, onde os treinadores têm um papel fundamental sobre os atletas, uma vez que são considerados por estes como líderes e especialistas (Conroy & Coatsworth, 2006). No desporto adaptado parece consensual, que a prática desportiva é um veículo que contribui para aumentar a qualidade de vida dos atletas com condição de deficiência (Brooker, Dooren, McPherson, Lennox, & Ware, 2015; Son, Jeon & Kim, 2016). Este paradigma, sublinha a importância dos treinadores no desenvolvimento holístico dos atletas (Tawse, Bloom, Sabiston, & Reid, 2012; Feu, Ibáñez, Lorenzo, Jiménez, & Cañadas, 2012), dado que, no desporto adaptado, os treinadores devem ser capazes de ajustar as suas metodologias de treino às necessidades específicas de cada atleta (Bloom, Falcão & Caron, 2014). Este processo, é um elemento essencial para a construção da relação treinador - atleta (Burkett, 2014; Tawse et al., 2012). Assim, os desportistas parecem sentir uma maior ligação e compromisso com o treinador, quando existe efetivamente uma reciprocidade de objetivos desportivos (Bloom et al., 2013, 2014). Os aspetos psicológicos do treino para atletas com deficiência, revelam a importância e a necessidade do treinador em adaptar os seus comportamentos e estratégias, com o intuito de satisfazer as necessidades reais dos seus atletas (Banack, Sabiston, & Bloom, 2011; Cregan, Bloom & Reid, 2007; Tawse et al., 2012). Deste modo, os comportamentos de liderança são fatores preponderantes para alcançar a excelência e o sucesso no desporto (Weinberg & McDermott, 2002). Em termos genéricos, os estudos sobre a liderança nos desportos regulares, concluem que as perceções dos atletas sobre o comportamento de liderança dos treinadores variam consoante as suas próprias características individuais, bem como os contextos onde se encontram inseridos (Chelladurai, 2007). Além do referido, os estudos demonstram que os treinadores também são influenciados na sua liderança pelas características específicas dos atletas (Vieira, Dias, Real, & Fonseca, 2014; Silva, Rosado, Silva, & Serpa, 2014).

Especificamente, realizou-se uma investigação sobre desporto adaptado e liderança, mais especificamente sobre as perceções de atletas com deficiência física e os comportamentos de liderança dos treinadores, e concluíram que os desportistas rejeitam comportamentos autocráticos pois inibem a sua satisfação na prática desportiva (Hatamleh Al-Ruz, & Hindawi, 2009). No entanto, não existe um modelo eficaz específico para o treino de atletas com condição de deficiência (Burkett, 2013; Rangeon, Gilbert, & Bruner, 2012). Perante este pressuposto Bloom e investigadores (2014), sugerem a utilização do modelo 3 + 1 Cs (Jowett & Lavallee, 2007; Jowett, 2017), visto que a finalidade é a adaptação do treinador às necessidades específicas dos atletas. Em termos conceptuais, este modelo visa medir as relações entre treinadores e atletas a um nível emocional, cognitivo e comportamental. Os quatro constructos que sustentam este modelo são: a proximidade, o compromisso, a complementaridade, e co-orientação (Jowett & Lavallee, 2007). A coorientação é o fator que liga as três construções anteriores, uma vez que é definido como o conhecimento e a compreensão partilhada entre treinadores e atletas.

As investigações sobre o desenvolvimento contextual do treino do desporto adaptado ainda são produzidas em número reduzido (Bentzen, 2020; Burkett, 2013; Rangeon et al., 2012; Pires; Batista, Marinho, Antúnez, Mesquita, & Ibáñez, 2021b; Rodríguez, Muñoz, & León, 2015; Bentzen, Alexander, Bloom, & Kenttä, 2020). A este propósito, Pires e

colegas (2021a) realça a importância de sustentar a produção científica com a operacionalização prática do exercício da função de treinadores. Os autores referem, que este binómio facilitava o processo de ensino aprendizagem dos treinadores e consequentemente aumentava a eficácia no processo de treino.

Para além deste aspeto, Bentzen et al. (2020) realizam uma *scoping review* sobre o conhecimento do treinador de desporto adaptado, tendo sido identificadas as limitações a falta da representação das perspetivas dos atletas na experiência do treino, pequenas amostras (ou seja, menos de 10 participantes) e a exclusão do universo da deficiência intelectual pelas complexidades particulares deste tipo de atletas. Os autores referidos, mencionam que o panorama do *Special Olympics* tem características mais específicas relativamente ao âmbito paralímpico.

Na deficiência intelectual, o papel do treinador é complexo e exigente, uma vez que o treino requer uma abordagem flexível, com o intuito de ir ao encontro das necessidades específicas deste tipo de desportistas (Burkett, 2013). Desta forma, o treinador pode ser considerado um elemento facilitador ou um obstáculo na implantação de medidas de inclusão, sendo que este binómio está dependente das atitudes do treinador que podem ter repercussões positivas ou negativas nos atletas (Hernández-Beltrán, Gámez-Calvo, & Gamonales, 2021). No entanto, os argumentos anteriormente expostos requerem formação específica dos treinadores (McMaster, Culver, & Werthner, 2012; Feu, Ibanez, Gozalo, & Lorenzo, 2010; Feu, Ibáñez, & Gozalo, 2007). Gamonales, Hidalgo, León, García & Muñoz Jiménez, (2018), o que nem sempre acontece, dado que no âmbito do desporto adaptado são escassos os ambientes de aprendizagem (McMaster et al., 2012; Cregan et al. 2007; Fairhurst, Bloom, & Harvey, 2016). Mais especificamente os treinadores da área do desporto adaptado, necessitam de um conhecimento aprofundado das tipologias da deficiência e das adaptações específicas da modalidade com o intuito de melhorar a performance dos atletas (Pires, Ramalho, Antúnez, Mesquita, & Ibáñez, 2021b).

Las atitudes dos treinadores de atletas com deficiência podem ter efeitos positivos ou negativos nos atletas. Até onde se conhece, não existem muitas investigações que abordem os comportamentos de liderança dos treinadores do contexto dos *Special Olympics Portugal* (SOP), nomeadamente a auto percepção dos treinadores e a percepção dos atletas.

O estudo tem como principal objetivo identificar a autopercepção dos comportamentos de liderança do treinador dos SOP, bem como a percepção dos atletas dos comportamentos de liderança do treinador. Além do mencionado, pretende-se examinar a relação entre a autopercepção e percepção com a formação formal dos treinadores, bem com analisar as correlações existentes entre a autopercepção e percepção dos comportamentos de liderança.

Métodos e Material

Conceção

A investigação é descritiva e de corte transversal dos treinadores e atletas do *Special Olympics Portugal*. Os dados foram recolhidos através de inquérito por questionário com uma amostra por conveniência (Montero & León 2007); Ato, López, & Benavente, 2013). O estudo foi conduzido de acordo com as diretrizes da Declaração de Helsínquia, e aprovado pelo Comité de Ética da Universidade (ref número 238/2019) antes do início do estudo.

Participantes

No estudo participaram 50 treinadores, 15 do género feminino e 35 do género masculino, com uma média de idade $X \pm 40,22$ anos. Quanto aos atletas participaram 94 atletas, 27 do género feminino e 67 do género masculino, com uma média de idade de $X \pm 32,61$ tendo o desportista mais novo do estudo 11 anos e o mais velho 63 anos. Segundo fonte dos *Special Olympics Internacional*, encontra-se inscritos em Portugal 221 treinadores e 3708 atletas. Neste contexto, a margem de erro da amostra do estudo é de 12.22% por parte dos treinadores e 9.98% dos atletas, dentro de grau de confiança de 95%.

Instrumentos

Para determinar os comportamentos de liderança optamos pela *Leadership Scale for Sport* (LSS) desenvolvida por Chelladurai e Saleh (1978) e validada em português por Serpa, Lacoste, Antunes, Pataco e Santos (1988) sob o nome

de Escala de Liderança no Desporto (ELD). Esta escala avalia a perceção do treinador sobre o seu próprio comportamento de liderança (versão autoperceção), a perceção e preferências dos atletas (versão perceção e preferências) dos comportamentos de liderança dos seus treinadores. Nesta investigação, utilizamos exclusivamente a escala na sua versão de autoperceção e perceção. A LSS apresenta 40 questões para cada versão e o instrumento é composto por uma escala de Likert de 5 frações (1=Nunca; 5= Sempre). Pela especificidade da população, recorreu-se a uma *smiley face scales* pelo facto de ser um sistema familiar para estes atletas (De Knegt, Schuengel, Lobbezoo, Visscher, Evenhuis, Boel, & Scherder, 2016) e constituir-se como uma plataforma de substituição dos rótulos numéricos (Gummer, Vogel, Kunz, & Roßmann, 2019).

Variáveis

Os treinadores foram categorizados, consoante a variável independente: formação formal. Em termos epistemológicos, a formação formal encontra-se associada a estruturas institucionais que certificam, em termos profissionais, o treinador (Mallett, Trudel, Lyle, & Rynne, 2009). Esta categorização sustenta a necessidade de aprofundar e especificar este tipo de formação (Nelson, Cushion, & Potrac, P., 2006), dado que na área desporto adaptado é uma área pertinente de exploração (Fairhurst et al., 2016). Quanto a esta formação, agrupou-se os treinadores em três categorias: educação física e ciências do desporto (n=36); formação na área da deficiência (n= 8) e formação técnica (n=6).

As variáveis dependentes do estudo foram definidas através do instrumento de recolha de dados utilizado no estudo que definem o comportamento de liderança: treino-instrução; suporte social; reforço; democrático e autocrático (Chelladurai e Saleh, 1978). O treino-instrução, caracteriza-se pelo comportamento do treinador destinado a melhorar a performance dos atletas através da ênfase da instrução dos atletas para os aspetos corretivos do treino, bem com das componentes técnicas e táticas da modalidade. O suporte social encontra-se associado à preocupação do treinador com o bem-estar individual dos atletas, procurando um bom ambiente de grupo e um bom relacionamento pessoal com os atletas (Chelladurai e Saleh, 1978). No comportamento de reforço o treinador reforça positivamente os seus atletas, reconhecendo e recompensando o seu bom desempenho. O comportamento democrático do treinador promove a participação ativas dos atletas nas decisões relacionadas com os objetivos do grupo, métodos de treino, táticas e estratégias de competição. O comportamento autocrático preconiza a independência do treinador na tomada de decisão e no estabelecimento da sua autoridade (Chelladurai e Saleh, 1978).

Procedimento

Todos os procedimentos do estudo foram aprovados pelo conselho de bioética da Universidade antes do início do estudo. O recrutamento dos participantes foi efetuado através de métodos múltiplos. Após análise do calendário de provas dos SOP, efetuou-se a seleção dos eventos com abrangência nacional, que incluíssem no programa várias modalidades desportivas e com a duração de mais de um dia. Neste caso, a prova que preenchia todos os critérios foram os 6^{os} Jogos de Inverno *Special Olympics Portugal* 2018.

Solicitou-se autorização ao SOP para proceder à distribuição presencial do material de investigação no evento selecionado, consoante os critérios estabelecidos. Realizou-se um ofício explicando o objetivo do estudo, autorização institucional para a recolha dos dados e assinatura do termo de consentimento informado por parte dos atletas ou dos seus tutores legais e treinadores.

Com a conclusão deste processo, procedeu-se o recrutamento de assistentes de investigação para proceder à recolha de dados, que ficou constituído por estudantes de licenciatura e mestrado do curso de Desporto e Atividade Física da especialidade em Desporto Adaptado e uma atleta com deficiência intelectual. Uma vez que a recolha de dados apresentava particularidades específicas, fruto da inclusão de atletas com deficiência intelectual, foram ministradas sessões de esclarecimento teóricas sobre o procedimento e protocolo a seguir na recolha de dados. Nesta perspetiva, e após as sessões teóricas os assistentes ministraram os questionários de recolha de dados a três atletas com deficiência

intelectual não pertencentes à amostra final. Este procedimento, teve como principal objetivo a adaptação de alguns procedimentos de aplicação consoante as sugestões dos atletas com deficiência intelectual. De salientar, que a inclusão de uma atleta com deficiência com intelectual, teve como principal objetivo auxiliar na interpretação das afirmações dos questionários no momento da aplicação aos participantes do estudo.

Durante o evento efetuou-se a aplicação do questionário aos atletas pelos assistentes de investigação, com a presença de um técnico de cada instituição/clube com o intuito de auxiliar no processo. A aplicação decorreu durante os três dias de provas, numa sala onde foi permitido manter a privacidade do atleta. O procedimento podia ser interrompido pelo atleta respondente e retomado quando assim o pretendesse.

Relativamente aos treinadores, foram contactados pessoalmente e caso aceitassem participar no estudo, era-lhes fornecido todo o material necessário (carta de apresentação do estudo, consentimento informado e inquérito por questionário). Os treinadores podiam escolher o momento de preenchimento do instrumento, durante o tempo de duração do evento e os assistentes encontravam-se presentes para o esclarecimento de qualquer procedimento. Antes do final dos eventos, os treinadores participantes entregavam os inquéritos por questionário. De salientar, que a opção pela recolha presencial foi antes do surgimento do contexto pandémico.

Com o intuito de incluir mais treinadores, e após o processo presencial, foi disponibilizada uma versão online do inquérito por questionário. Deste modo solicitou-se, aos *Special Olympics* Portugal, colaboração no envio de um e-mail a todos os treinadores pedindo a participação no estudo, bem como todo o material de investigação. De notar, que os treinadores que preencheram presencialmente o questionário no evento selecionado foram excluídos do processo online.

Análises estatística

Foi estudada a consistência interna da LSS, através do coeficiente Alfa de *Cronbach*, tendo-se verificado um valor $\alpha \geq 0.50$ em ambas as versões, sendo designada uma fiabilidade moderada (Landis & Koch, G, 1977).

A primeira exploração do comportamento dos dados, foi efetivada através verificação das medidas de tendências central e dos valores do teste de normalidade *Kolmogorov Smirnov*. A extrapolação dos resultados, executou-se a partir dos dados obtidos com a estatística descritiva. Como os dados revelaram uma distribuição não normal, utilizou-se o teste *Kruskal-Wallis*, para analisar a relação entre os comportamentos de liderança na versão autoperceção e perceção com a variável dependente, formação formal. A comparação entre grupos da variável depende desenvolveu-se com *pairwise comparisons*. Recorreu-se ao η^2 com o intuito de analisar o efeito do índice do tamanho da correlação de *Spearman*, classificados estes em: sem efeito se $0 < \eta^2 \leq 0.04$; mínimo se $0.04 < \eta^2 \leq 0.25$; moderado se $0.25 < \eta^2 \leq 0.64$ e forte se $\eta^2 > 0.64$ (Ferguson, 2009). Através do coeficiente de correlação de *Spearman*, apurou-se o grau de correlação entre a autoperceção e a percepção dos comportamentos de liderança dos treinadores. As relações foram classificadas da seguinte forma: 0 = sem correlação, $0 < |r_s| < .2$ = correlação muito fraca, $.2 \leq |r_s| < .4$ = correlação fraca, $.4 \leq |r_s| < .6$ = correlação moderada, e 1 = correlação perfeita (Field, 2017).

Resultados

Na estatística descritiva sobre a LSS, na versão autoperceção, os treinadores demonstram, para todos os tipos de formação formal, valores médios superiores, no comportamento de reforço (EF/CD $\bar{x} = 4.65 \pm \sigma = .24$; FD $\bar{x} = 4.58 \pm \sigma = .26$; FT $\bar{x} = 3.80 \pm \sigma = .00$.), seguido de treino instrução (EF/CD $\bar{x} = 3.99 \pm \sigma = .37$; FD $\bar{x} = 4.38 \pm \sigma = .38$; FT $\bar{x} = 3.53 \pm \sigma = .26$), comportamento democrático (EF/CD $\bar{x} = 3.70 \pm \sigma = .86$; FD $\bar{x} = 4.21 \pm \sigma = .10$; FT $\bar{x} = 3.14 \pm \sigma = .13$), suporte social (EF/CD $\bar{x} = 3.02 \pm \sigma = .61$; FD $\bar{x} = 3.42 \pm \sigma = .52$; FT $\bar{x} = 2.25 \pm \sigma = .00$) e comportamento autocrático (EF/CD $\bar{x} = 1.52 \pm \sigma = .45$; FD $\bar{x} = 2.02 \pm \sigma = .94$; FT $\bar{x} = 1.00 \pm \sigma = .00$) como se pode observar na figura 1.

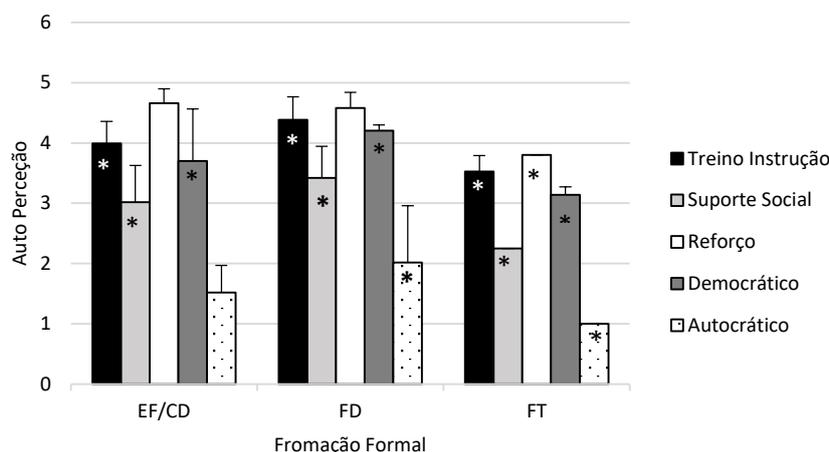


Figura 1. Estatística descritiva da relação entre os comportamentos de liderança na versão auto percepção com a formação formal dos treinadores. Formação dos treinadores: Educação Física / Ciências do Desporto (EF/CD); Formação na área da deficiência (FD); Formação Técnica (FT). *<.05.

Observando a figura 2, relativa à versão percepção dos atletas sobre os treinadores, verifica-se, para todos os tipos de formação formal, valores médios superiores no comportamento reforço (EF/CD $\bar{x}=4.82 \pm \sigma= .43$; FD $\bar{x}=4.76 \pm \sigma= .40$; FT $\bar{x}=5.00 \pm \sigma= .00$), seguido de suporte social (EF/CD $\bar{x}=4.65 \pm \sigma= .93$; FD $\bar{x}=4.72 \pm \sigma= .47$; FT $\bar{x}=5.00 \pm \sigma= .00$), treino instrução (EF/CD $\bar{x}=4.71 \pm \sigma= .45$; FD $\bar{x}=4.53 \pm \sigma= .67$; FT $\bar{x}=4.75 \pm \sigma= .43$), comportamento democrático (EF/CD $\bar{x}=3.83 \pm \sigma= 1.14$; FD $\bar{x}=4.19 \pm \sigma= .85$; FT $\bar{x}=3.94 \pm \sigma= .88$) e comportamento autocrático (EF/CD $\bar{x}=2.76 \pm \sigma= 1.44$; FD $\bar{x}=1.80 \pm \sigma= 1.04$; FT $\bar{x}=2.44 \pm \sigma= 1.53$).

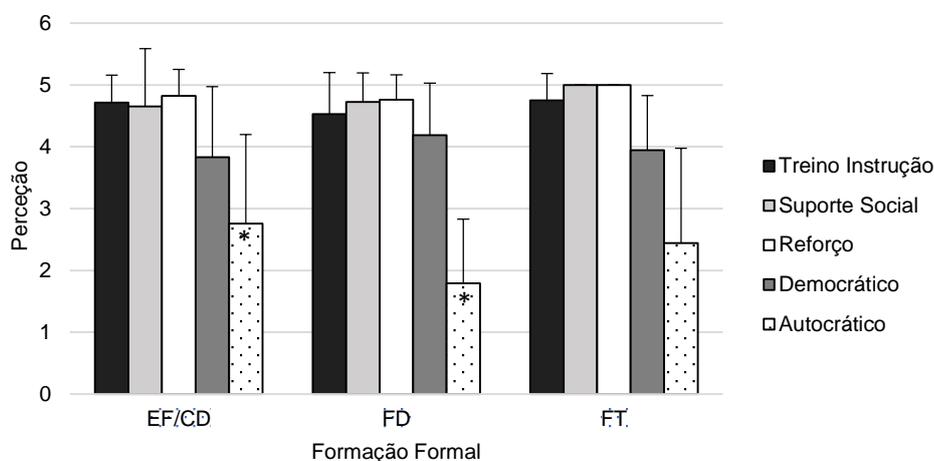


Figura 2. Estatística descritiva da relação entre os comportamentos de liderança na versão percepção com a formação formal dos treinadores. Formação dos treinadores: Educação Física / Ciências do Desporto (EF/CD); Formação na área da deficiência (FD); Formação Técnica (FT). *<.05.

A tabela 1 apresenta os resultados do valor do *p-value* do teste de correlação de Spearman, *pairs comparisons* entre os grupos da formação formal e o η^2 , relativos aos comportamentos de liderança nas duas versões em análise. Foram designados com (1) os treinadores com formação técnica, (2) educação física e ciências do desporto e (3) formação na área da deficiência. Observa-se que na versão auto percepção existem diferenças estatisticamente significativas relativamente à formação formal e comportamentos de liderança do treino. Por sua vez, na versão percepção as diferenças estatisticamente verificam-se somente no comportamento autocrático.

Tabela 1. Valor ρ , p-value e η^2 consoante a formação formal. (1) formação técnica; (2) educação física e ciências do desporto; (3) formação da área da deficiência.

		Pairs Comparisons			
		ρ	Pair	p-value	η^2
Auto Perceção	Treino Instrução	.00	(1)-(2)	.034	.69
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.000	
	Suporte Social	.00	(1)-(2)	.004	.62
			(1)-(3)	.000	
	Reforço	.00	(1)-(2)	.000	.58
			(1)-(3)	.000	
	Democrático	.00	(1)-(2)	.019	.72
			(1)-(3)	.000	
	Autocrático	.001	(1)-(2)	.059	.25
			(1)-(3)	.001	
	Perceção	Treino Instrução	.771	-----	-----
Suporte Social		.082	-----	-----	.06
Reforço		.106	-----	-----	.47
Democrático		.273	-----	-----	.23
Autocrático		.005	(1)-(2)	.672	.94
			(1)-(3)	.004	
			(2)-(3)	1.000	

A figura 3 representa as relações entre a auto percepção e percepção do comportamento de liderança do treinador. Nesta medida, e fruto da distribuição não normal dos dados, usamos o coeficiente de correlação de Spearman (ρ) para avaliar a intensidade entre as variáveis mencionadas e determinar a significância das correlações entre elas. Observam-se relações de correlações positivas e negativas, sendo estas de dois tipos de significância: fraca positiva ou negativa e moderada positiva ou negativa (Field, 2017).

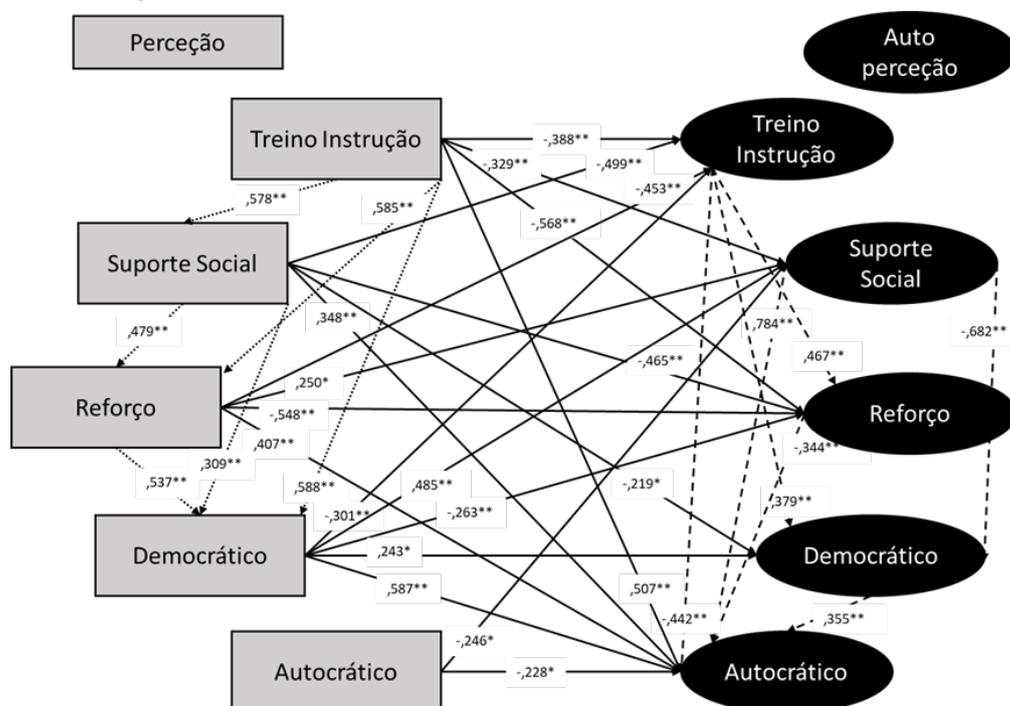


Figura 3. Correlações entre as variáveis do comportamento de liderança dos treinadores na versão auto percepção e percepção

—> correlação entre a percepção e auto percepção - - -> correlação entre as dimensões da auto percepção
> correlação entre as dimensões da percepção . * $p < .005$ ** $p < .001$.

Discussão

O estudo tem como principal objetivo identificar a autopercepção dos comportamentos de liderança do treinador dos *Special Olympics Portugal*, bem como a percepção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador. Além deste aspeto pretende-se analisar a correlação entre as duas versões dos comportamentos de liderança do treinador.

Numa fase preliminar da análise constatou-se que, os comportamentos de liderança apresentaram um índice de fiabilidade $\alpha \geq 0.50$. No entanto Chelladurai (2007), alerta que este facto ocorre devido a dimensão do comportamento autocrático, uma vez que em inúmeros estudos utilizando este instrumento apresentam um $\alpha < 0.60$ na dimensão referida. Desta forma, o autor anteriormente mencionado revela que é um problema de composição na construção e avaliação do comportamento autocrático no questionário, no entanto refere que é fundamental mantê-lo. Desta forma, é necessário interpretar o valor alfa tendo em consideração as especificidades do estudo (Taber, 2017).

Os resultados demonstram que os treinadores se percebem com um estilo de liderança mais associado ao reforço e treino instrução, e menos de suporte social e autocrático. Já os atletas consideram que os seus treinadores desenvolvem mais comportamentos de liderança de reforço e suporte social, e menos de procedimentos democrático e autocrático. Os comportamentos de liderança dos treinadores são influenciados pelo contexto envolvente (Misasi, Morin, & Kwasnowski, 2016). No desporto regular, as investigações indicam que existem diferenças entre os comportamentos de liderança nos desportos coletivos e individuais (Paquete, Dias, Corte-Real, & Fonseca, 2012). Nos desportos coletivos os atletas tendencialmente preferem comportamentos autocráticos, treino instrução e reforço e nos individuais (Borrego, Silva, & Palmi, 2012) e nos desportos individuais preferem que o treinador apresente comportamentos mais democráticos e de suporte social (Silva et al., 2014). No desporto adaptado os treinadores devem promover estilos de liderança mais de suporte social, com o intuito de promover a autonomia dos atletas (Cheon, Reeve, Lee & Lee, 2015). Quando à percepção, Hatamleh et al. (2009) efetuaram um estudo com 63 atletas com deficiência física, cujos resultados indicam que os seus treinadores apresentam comportamentos de liderança mais do tipo reforço e suporte social. Os autores referidos, realçam que este tipo de comportamento se revela um meio mais facilitador para os atletas se sentirem mais satisfeitos com a sua experiência desportiva.

Quanto à relação entre a autopercepção e percepção com a formação formal dos treinadores verificam-se diferenças estatisticamente significativas, em todos os grupos nos comportamentos de liderança na versão autopercepção. Por sua vez, na versão percepção apenas se verificam diferenças estatisticamente significativas no comportamento de liderança autocrático, onde os treinadores formados na área da deficiência são menos autocráticos quando comparados com os profissionais com formação técnica. Este é um resultado expetável, pois os treinadores com mais formação específica, promovem estilos de liderança mais democráticos, enquanto profissionais menos especializados adotam uma liderança mais autocrática (Jones et al., 2003). Perante esta premissa, treinadores com uma base extensa de conhecimento desenvolvem eficazmente a promoção de uma gestão democrática do treino, aliando um clima de apoio particular aos atletas (Bloom et al., 2014; Jones, 2003).

Fruto da falta de formação específica dos treinadores, constata-se que na versão autopercepção, nomeadamente no comportamento de liderança de treino instrução e reforço, verificam-se correlações negativas com todos os comportamentos de liderança, na versão percepção, exceto para o autocrático. Consequentemente, o paradigma da falta de formação específica na área do desporto adaptado, diminui a eficácia quanto aos procedimentos comportamentais a serem adotados pelos treinadores (Martin et al., 2014; McMaster et al., 2012; Pires et al, 2021b).

Conclusão

Os treinadores mais especializados têm comportamentos de liderança mais adequados consoante a percepção dos atletas com deficiência intelectual, torna-se assim evidente que a formação específica é um fator facilitador na otimização do processo de treino.

É fundamental que os treinadores de atletas com deficiência intelectual encarem o processo de treino de forma holística, onde todos atletas são agentes ativos e elementos preponderantes para o desenvolvimento de conhecimento e otimização do treino.

Em suma, os comportamentos de liderança são fortemente influenciados por contextos específicos e particulares. No entanto, no desporto adaptado, a visão desta problemática deve ser abordada numa perspetiva globalizante, pois o desporto é um veículo transformador em atletas com condição de deficiência.

Limitações

É importante compreender, com maior profundidade e globalidade, o comportamento de liderança do treinador, introduzindo a versão preferêncial dos atletas em futuros estudos, bem como averiguar o grau de autodeterminação dos atletas com deficiência intelectual. Adicionalmente, torna-se pertinente incidir em investigações que coloquem os atletas com deficiência intelectual como agentes ativos no processo investigativo, bem como a participação de outras tipologias da deficiência.

Aplicações práticas

Torna-se essencial elaborar programas de formação formais específicos para os treinadores que intervêm na área do desporto adaptado. Este contexto, permitiria aos treinadores adquirirem conhecimento específico sobre a área da deficiência, com o objetivo de adequarem o treino às reais necessidades dos atletas (Pires et al. 2021a). Aliado a este facto, é imperioso um reforço investigativo na área do desporto adaptado, como o intuito de expandir e especificar o conhecimento para aumentar a eficácia no treino (Pires et al. 2021a).

Author Contributions: Conceptualização, P.P., M.B., H.M., e S.J.I.; Metodologia, P.P., M.B., H.M., e S.J.I.; Análise formal, M.B., P.P.; Revisores, P.P., M.B., H.M. e S.J.I.; Elaboração de documento original, P.P.; Revisão e edição, H.M. e S.J.I.; Visualização, P.P. e M.B.; Supervisão, M.B., H.M. e S.J.I. Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

Referências

- Ato, M., López-García, J. J., & Benavente, A. (2013). Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología / Annals of Psychology*, 29(3), 1038–1059. <https://doi.org/10.6018/analesps.29.3.17851>
- Banack, H., Sabiston, C., & Bloom, G. (2011). Coach autonomy support, basic need satisfaction, and intrinsic motivation of paralympic athletes. *Research Quarterly for Sport and Exercise*, 82(4), 722–730. <https://doi.org/10.1080/027011367.2011.1059809>.
- Bentzen, M., Alexander, D., Bloom, G. A., & Kenttä, G. (2020). What Do We Know About Research on Paraspport Coaches? A Scoping Review. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 38(1): 109-137. <https://doi.org/10.1123/apaq.2019-0147>.
- Bloom, G.; Falcão, W. y Caron, J. (2014). Coaching high performance athletes: Implications for coach training; Gómes, A., Resende, R., Albuquerque, A., Eds *Positive Human Functioning from a Multidimensional*, 107-132. New York, USA, Nova Science Publishers.
- Borrego, C. C., Silva, C., & Palmi, J. (2012). Programa de intervención psicológica para la optimización del concepto de equipo (team building) en jóvenes futbolistas. *Revista de Psicología del Deporte*, 21, 49-58.
- Brooker, K., Van Dooren, K., McPherson, L., Lennox, N. y Ware, R. (2015). A systematic review of interventions aiming to improve involvement in physical activity among adults with intellectual disability. *Journal of Physical Activity & Health*, 12, 434–444. <https://doi.org/10.1123/jpah.2013-0014>
- Burkett, B. (2013). *Coaching athletes with a disability*. In P. Potrac, W. Gilbert, e J. Denison (Eds.), *Routledge handbook of sports coaching* (pp. 196–209). London, England: Routledge.
- Chelladurai, P. (2007). Leadership in Sports. *Handbook of Sport Psychology*, 111–135. DOI:10.1002/9781118270011.ch5
- Chelladurai, P., e Saleh, S. D. (1978). Preferred leadership in sports. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*, 3, 85–92.
- Chen, C.-H., Hsu, K.-L., Shu, B.-C., e Fetzer, S. (2012). The image of people with intellectual disability in Taiwan newspapers. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 37(1), 35–41. <https://doi.org/10.3109/13668250.2011.650159>
- Cheon, S. H., Reeve, J., Lee, J., e Lee, Y. (2015). Giving and receiving autonomy support in a high-stakes sport context: A field-based experiment during the 2012 London Paralympic Games. *Psychology of Sport and Exercise*, 19, 59–69. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2015.02.007>
- Conroy, D., e Coatsworth, J. (2006). Coach training as a strategy for promoting youth social development. *The Sport Psychologist*, 20, 128-144. <https://doi.org/10.1123/tsp.20.2.128>.
- Cregan, K., Bloom, G. e Reid, G. (2007) Career Evolution and Knowledge of Elite Coaches of Swimmers with a Physical Disability. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78 (4), 339-350. <https://doi.org/10.1080/027011367.2007.10599431>.
- De Knegt, N. C., Schuengel, C., Lobbezoo, F., Visscher, C. M., Evenhuis, H. M., Boel, J. A., e Scherder, E. J. A. (2016). Comprehension of pictograms for pain quality and pain affect in adults with Down syndrome. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 41(3), 222–232. <https://doi.org/10.3109/13668250.2016.1176129>.
- Fairhurst E., Bloom G. e Harvey W. (2016). The Learning and Mentoring Experiences of Paralympic Coaches, *Disability and Health Journal*, 10(2), 240-246. <https://doi.org/10.1016/j.dhjo.2016.10.007>.

- Ferguson, C. J. (2009). An effect size primer: a guide for clinicians and researchers. *Prof. Psychol.* 40, 532–538. <https://doi.org/10.1037/a0015808>.
- Feu, S., Ibanez, S.J., Gozalo, M. e Lorenzo, A. (2010). Decision and Planning Style of Spanish Handball Coaches. *The Open Sports Sciences Journal*, 3, 111-117. <https://doi.org/10.2174/1875399X010030100111>
- Feu, S., Ibáñez, S. J., & Gozalo, M. (2007). Propiedades psicométricas de los cuestionarios EDD y EPD para evaluar el estilo de planificación y decisión de los entrenadores. *Revista de Psicología del Deporte*, 16(2), 185-199.
- Feu, S., Ibáñez, S. J., Lorenzo, A., Jiménez, S., & Cañadas, M. (2012). Professional knowledge acquired by handball coaches: training and experience. *Revista de Psicología del Deporte*, 21(1), 107-115.
- Field, A. (2017). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics*. London: Sage.
- Gamonales Puerto, J. M., Hidalgo Murillo, A., León Guzmán, L., García Santos, D., Muñoz Jiménez, J. (2018). Propuesta de adaptación del reglamento de balonmano para jugadores con discapacidad intelectual. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte* 14(2),109-118.
- Gummer, T., Vogel, V., Kunz, T., e Roßmann, J. (2019). Let's put a smile on that scale: Findings from three web survey experiments. *International Journal of Market Research*, 61(1),18-26. <https://doi.org/10.1177/1470785319858598>.
- Hatamleh, M. R., Al-Ruz, H. H. A., e Hindawi, O. S. (2009). Coach's leadership behavior as a predictor of satisfaction with leadership: Perceptions of athletes with physical disabilities. *International Journal of Applied Educational Studies*, 4, 14-33.
- Hernández-Beltrán, V., Gámez-Calvo, L., & Gamonales, J.M. (2021). Propuesta de Unidad Didáctica para Educación Física: "Conociendo los deportes para personas con discapacidad visual". *e-Motion: Revista de Educación, Motricidad e Investigación*, 15, 77-101. <https://doi.org/10.33776/remo.v0i15.5031>.
- Jones, L., Armour, M., e Potrac, P. (2003). Constructing expert knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. *Sport, Education and Society*, 8, 213–229. <https://doi.org/10.1080/13573320309254>
- Jowett, S. (2017). Coaching effectiveness: the coach–athlete relationship at its heart. *Current Opinion in Psychology*, 16, 154–158. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.05.006>
- Jowett, S., Lavallee, D. (2007). *Social Psychology in Sport*. Windsor, Ontario, Canada: Human Kinetics.
- Mallett, C. J., Trudel, P., Lyle, J., e Rynne, S. B. (2009). Formal vs. Informal Coach Education. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(3), 325–364. <https://doi.org/10.1260/174795409789623883>.
- Martin, J., e Whalen, L. (2014). Effective Practices of Coaching Disability Sport. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 7(2), 13-23. <https://doi.org/10.5507/euj.2014.007>.
- McMaster, S., Culver, D., e Werthner, P. (2012). Coaches of athletes with a physical disability: a look at their learning experiences. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4, 226-243. <https://doi.org/10.1080/2159676x.2012.686060>.
- Misasi, S. P., Morin, G., e Kwasnowski, L. (2016). Leadership: Athletes and coaches in sport. *The Sport Journal*, 22.
- Montero, I., G., & León O. (2007). A guide for naming research studies in Psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(3), 847-862.
- Nelson, L. J., Cushion, C. J. e Potrac, P. (2006). Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 1(3), 247–259. <https://doi.org/10.1260/174795406778604627>
- Paquete, M., Dias, C., Corte-Real, N., & Fonseca, A. (2012) Liderança no desporto adaptado: Um estudo com atletas de Boccia e de Basquetebol em cadeira de rodas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 12(2),82-100. <https://doi.org/10.5628/rpcd.12.02.82>
- Pires, P.; Batista, M.; Marinho, D.A.; Antúnez, A.; Mesquita, H.; Ibáñez, S.J (2021a). Training and Profile of Special Olympics Portugal Coaches: Influence of Formal and Non-Formal Learning. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 18, 6491. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126491>
- Pires, P.; Ramalho, A.; Antúnez, A.; Mesquita, H.; Ibáñez, S.J (2021b). Career Development of Adapted Sports Coaches Systematic Review of Qualitative Evidence Literature. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 18, 6608. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126608>
- Rangeon, S., Gilbert, W. e Bruner, M. (2012). Mapping the world of coaching science: A citation network analysis. *Journal of Coaching Education*, 5,83–108. DOI:10.1123/jce.5.1.83.
- Rodríguez, P.; Muñoz, J; León, F. (2015). Deporte de orientación para personas con discapacidad intelectual. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte* 11(3), 219-217.
- Safania, A., e Mokhtari, R. (2012). Participation in sports activities in leisure time and quality of life of active and inactive disabled war veterans and disabled people. *International Research Journal of Applied and Basic Sciences*, 3(4), 859-867.
- Serpa, S., Lacoste, P., Antunes, I; Pataco, V. e Santos, F. (1988). *Metodologia de tradução e adaptação de um teste específico de desporto - Leadership Scale For Sports*. II Simpósio Nacional de investigação em Psicologia. Lisboa.
- Silva, J.E., Rosado, A., Silva, C., e Serpa, S. (2014). Relação entre inteligência emocional, satisfação com a vida e prática desportiva. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 9, 93-109.
- Son, S., Jeon, B., y Kim, H. (2016). Effects of a walking exercise program for obese individuals with intellectual disability staying in a residential care facility. *Journal of Physical Therapy Science*, 28, 788–793. <https://doi.org/10.1589/jpts.28.788>
- Special Olympics Portugal. 2 de janeiro de 2021. Special Olympics. <https://media.specialolympics.org/resources/leading-a-program/program-profiles/SOEE/Portugal-FactSheet-2020>.
- Taber, K. S. (2017). The Use of Cronbach's Alpha When Developing and Reporting Research Instruments in Science Education. *Research in Science Education*, 48,1-24. <https://doi.org/10.1007/s11165-016-9602-2>.
- Tawse, H., Bloom, G., Sabiston, C e Reid, G (2012). The role of coaches of wheelchair rugby in the development of athletes with a spinal cord injury. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4, 206-225. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2012.685104>
- Tomasone, J. R., Wesch, N. N., Martin Ginis, K. A., e Noreau, L. (2013). Spinal Cord injury, physical activity, and quality of life: A systematic review. *Kinesiology Review*, 2, 113–12.
- Vieira, A., Dias, C., Real, N., e Fonseca, M. (2014). O conhecimento e ações do treinador em situações de competição: o estudo da percepção dos treinadores da superliga brasileira de voleibol. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 9 (2), 393-420.
- Weinberg, R., e McDermott, M. (2002). A comparative analysis of sport and business organizations: Factors perceived as critical for organizational success. *Journal of Applied Sport Psychology*,14, 282–298.